

CRÔNICA: GÊNERO TEXTUAL A SERVIÇO DA FORMAÇÃO DE LEITORES

Cristiane Menezes de Araújo¹

Sara Rogéria Santos Barbosa²

RESUMO: Quando se pensa em produção textual, é quase automático os professores trabalharem com tipologia textual, concentrando a escrita em redações dissertativas, descritivas ou narrativas, priorizando a tipologia em detrimento das vastíssimas possibilidades encontradas quando se opta por trabalhar com gêneros textuais. Neles podemos desenvolver a tipologia de forma muito mais abrangente e aliada à realidade do aluno. Dessa maneira, inserir o gênero textual crônica, por seu caráter informativo e descontraído, no ambiente escolar, enquanto ferramenta educacional, serve para desenvolver no educando habilidades como prática de leitura oral e escrita realizada de maneira autônoma e prazerosa. Partindo dessa problemática, o objetivo deste trabalho é analisar a utilização do referido gênero na produção de textos narrativos como suporte para o desenvolvimento de tal habilidade no ambiente educacional. Portanto, o desenrolar de aulas utilizando este gênero textual possibilitará ao educando adquirir conhecimento sociocultural através de leituras decodificadas, tornando-o produtor de seu próprio texto a partir de construções e reconstruções de linguagens. Para a construção deste trabalho, optou-se pela leitura e análise de textos de teóricos que trabalham com Tipologia e Gênero Textuais, a exemplo de Marcuschi (2002), Travaglia (2002), Bakhtin (1992) e Dolz & Schneuwly (1998).

PALAVRAS-CHAVE: Tipologia Textual; Gênero Textual; Crônica; Formação de Leitor.

ABSTRACT: Concerning the textual production, it is almost automatic a situation in which teachers work on textual typology, focusing on written dissertative, descriptive or narrative essays, prioritizing the typology rather than the great number of possibilities found when one chooses to work with textual genres. We can develop the typology in a much more comprehensive way, combining it with the student's reality. Thus, the insertion of the chronic as a textual genre, due to its informative and relaxing characteristics in the school environment, as an educational tool, serves to develop skills in the students, such as oral reading and writing practices, which are performed with autonomy and in a pleasurable way. Based on this problem, the aim of this work is to analyze the use of this genre in the production of narrative texts as a support for the development of such skill in

¹ Graduada em Letras Português e Pós-graduanda em Língua Portuguesa e Diversidade Linguística pela Faculdade São Luís de França. E-mail: cris-menezes24@hotmail.com

² Mestre em Educação e Graduada em Letras Português pela Universidade Federal de Sergipe, Pós-graduanda em Didática e Metodologia do Ensino Superior pela Faculdade São Luís de França. Professora da graduação e pós-graduação da Faculdade São Luís de França. E-mail: sararogeria@gmail.com

the educational environment. Therefore, the conduction of classes using this textual genre will enable the student to acquire sociocultural knowledge through decoded reading, making him the producer of his own text from language constructions and reconstructions. For the construction of this work, we decided for the reading and analysis of texts of theorists who work with Textual Typology and Gender, like Marcuschi (2002), Travaglia (2002), Bakhtin (1992) and Dolz & Schneuwly (1998).

KEYWORDS: Textual Typology; Textual Genre; Chronicle; Reader Formation.

1. Introdução

A prática da escrita em sala de aula é sempre vista como uma das atividades mais difíceis de executar, seja por parte dos professores, seja por parte dos alunos, pois, associada que é à leitura, encontra na ausência desta sua maior dificuldade. Para os professores, os alunos não gostam de ler e, por isso, não sabem escrever; para os alunos, os professores não tornam a atividade prazerosa e somente sabem pedir redação dissertativa, descritiva ou narrativa. Diante do impasse, percebe-se que há a necessidade de esclarecer na produção textual a existência da tipologia e do gênero e fazer saber ao aluno que a produção de texto não está atrelada ao texto redacional, pelo contrário, há uma infinidade de textos que podem ser trabalhados em sala de aula, que vão além das redações e ainda podem ser dissertativos, descritivos ou narrativos.

Trabalhar com texto na perspectiva do gênero textual abre um leque para a produção em sala de aula e, ao mesmo tempo, estimula a prática de leitura, uma vez que antes de indicar o gênero a ser utilizado, há a necessidade de explorá-lo, de fazer conhecer aos alunos o que significa, qual sua finalidade, como pode ser produzido e que, assim como a redação, pode também ser socializado em sala de aula de forma escrita ou oralizada. Quando se pensa em produção textual, é quase automático os professores trabalharem com tipologia textual, priorizando a tipologia em detrimento das vastíssimas possibilidades encontradas quando se opta por trabalhar com gêneros textuais. Neles, podemos desenvolver a tipologia de forma muito mais abrangente e aliada à realidade do aluno.

Dentre os gêneros pesquisados, optou-se, neste artigo, por trabalhar com a crônica, posto que é de fácil acesso, traz sempre uma visão crítica do fato abordado, mesmo que mesclada com humor, e, para falar como Sabino (1965, p. 174), o texto da crônica é “recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida [...] visa ao circunstancial, ao episódico” e numa “perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico” encontra-se o essencial do texto. Já Arrigucci Júnior (1987, p.52), a crônica traduz um conjunto de “fatos corriqueiros do dia-a-dia, dos fait divers, fatos da atualidade alimentam o noticiário dos jornais, desde que esses se tornaram instrumentos de informação de grande tiragem no século passado”. Neves (1995, p. 17) diz que ela “tematiza o tempo e simultaneamente o mimetiza”.

Da temática presente nesse gênero de texto, o professor pode abrir discussões, confrontando o ponto de vista dos alunos, abrindo janelas para novas interpretações de mundo, aquisição de conhecimento, fortalecimento de percepções ou resignificação de outras. Dessa maneira, inserir o gênero textual crônica, por seu caráter informativo e descontraído, no ambiente escolar, enquanto ferramenta educacional, serve para desenvolver no educando habilidades como prática de leituras orais e escritas realizadas de maneira autônoma e prazerosa.

O domínio da língua oral e escrita é de fundamental importância para o indivíduo, pois é através desta que ele se comunica, adquire e constrói conhecimento, expressa e define suas ideias. Por outro lado, trabalhar essa prática discursiva na escola se tornou algo completamente complexo, porque o aluno já deve possuir como bagagem linguística uma certa habilidade no ato de ler e escrever, no entanto, isto é algo quase impossível de ser encontrado no ambiente educacional, atualmente.

Diante desta realidade vivenciada diariamente nas escolas, nota-se a necessidade de utilizar o gênero textual crônica por ser um texto de tipo narrativo que possui uma certa facilidade em acessá-lo e por abordar assuntos ligados aos acontecimentos vivenciados no cotidiano social do educando ou do próprio autor deste. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é analisar a utilização do gênero textual crônica na produção de textos para o desenvolvimento da prática de leitura no ambiente educacional. Portanto, orientar a produção textual por meio desse gênero discursivo é possibilitar ao educando habilidades ligadas as práticas da oralidade e da escrita na escola ou fora dela. A escolha do gênero crônica deu-se por ser uma ferramenta educacional que contribuirá para o crescimento socioreflexivo dos alunos, por contextualizar as situações comunicativas diárias dos falantes e por desempenhar nestes a capacidade de análise, compreensão e construção a partir do entendimento claro, coerente e coeso da linguagem diante de um texto.

Esta pesquisa tem por base a crônica que é compreendida por autores, como um gênero textual de tipologia narrativa e que proporciona ao ambiente escolar um espaço rico em reflexões críticas e analíticas, as quais possibilitam aos educandos oportunidades de ouvir, falar e escrever de forma autônoma, prazerosa e decodificada. Na primeira parte conheceremos um pouco sobre o surgimento e as características do gênero textual crônica, na segunda parte foca-se na

contribuição da Linguística Textual para a formação de leitores através da sociocomunicação presente nos textos, já na terceira parte desenvolveram-se entendimentos sobre tipologia e gênero textual tendo como fundamentação o pensamento crítico e reflexivo de autores que defendem tais linhas de pesquisa e por fim, na quarta parte verificou-se a importância do gênero textual crônica como ferramenta educacional para a formação de leitores competentes e autônomos diante da leitura espontânea.

Partindo dessa problemática, o objetivo deste trabalho é analisar a utilização do referido gênero na produção de textos narrativos como suporte para o desenvolvimento da prática de leitura no ambiente educacional. O desenvolvimento de aulas utilizando este gênero textual possibilitará ao educando adquirir conhecimento sociocultural através de leituras decodificadas e tornar o educando produtor de seu próprio texto a partir de construções e reconstruções de linguagens.

Para a construção deste trabalho, optou-se pela leitura e análise de textos de teóricos que trabalham com Tipologia e Gênero Textuais, a exemplo de Marcuschi (2002), Travaglia (2002), Bakhtin (1992), Dolz & Schneuwly (1998), Koch (2002), Geraldi (1997) e os PCN's (1998). Os referidos autores foram preferidos por sua abordagem acerca da tipologia e gêneros textuais e como ainda não é clara a diferenciação por parte tanto dos professores quanto dos alunos. Eles ainda fazem a abordagem prática, diferenciando tipologia de gênero e como um se constrói dentro do outro.

Após as leituras e análises, o trabalho foi desenvolvido e dividido em quatro partes. Na primeira, Conhecendo o gênero textual crônica, foi dado o conceito do termo crônica e como sempre teve por objetivo relatar acontecimentos contemporâneos. Tratou-se também de sua estrutura organizacional e como, diferente de uma novela ou um romance, outros textos do tipo narrativo, o número de personagens é sempre limitado ou inexistente e é mononuclear, ou seja, o desenrolar dos acontecimentos que levarão o leitor a uma reflexão crítica centra-se apenas em um fato, podendo este ser desdobrado.

Na segunda, A contribuição da Linguística Textual para a formação de leitores, foi analisada a contribuição da linguística textual, seu nascedouro e sua preocupação com as questões sintático-semânticas. Como seu objetivo não se centra apenas em analisar as palavras, mas o texto como um todo, é importante

considerar o texto enquanto unidade sociointeracional individual e autônoma. Neste momento também foram analisadas as orientações dos PCN's (1998) para o ensino de línguas e como nesse documento há claro posicionamento em relação ao trabalho com a tipologia e gêneros textuais.

Na terceira, Tipologia Textual e Gênero Textual: Pressupostos Teóricos, tratamos da coluna vertebral deste trabalho e ali utilizamos massivamente os teóricos que se debruçaram sobre o tema e acerca deles construíram análises, teceram comentários e formularam orientações de trabalho. Diferenciamos gêneros de tipos e como Marcuschi (2002), para quem os gêneros textuais são atividades sócio-discursivas que servem para que haja o ato da comunicação e da interação no dia-a-dia dos falantes, posiciona-se em relação ao assunto objeto deste estudo. Além dele, vimos Travaglia (2002), que considera os textos a partir de seus diferentes tipos e construção pelos falantes devido baseado na existência de diferentes modos de interação. Por fim, Koch (2002) e sua análise da competência do falante frente à adequação e inadequação dos textos nas práticas sociais.

Na última, O uso da crônica na escola, tratamos da parte prática do uso dos gêneros textuais, principalmente a crônica, e como ele pode ser um instrumento eficaz na formação de leitores. Segundo Schneuwly e Dolz (2004), optar por trabalhar gêneros textuais na escola possibilita uma diversidade de objetivos para o processo da aprendizagem e que a metodologia adotada pelo professor, como apresentar o gênero, ler, criar textos pode desenvolver não somente o ato criativo, mas o hábito da leitura, uma vez que será estabelecida a comunicação e interação social.

2. Conhecendo o gênero textual crônica

A palavra crônica é de origem latina, *Chronica*, e objetiva relatar um ou mais acontecimentos do cotidiano em tempo determinado e determinado tempo, possui um número reduzido de personagens, ou mesmo nenhum, e seu tom é costumeiramente irônico, reflexivo, humorístico, lírico, crítico e/ou informativo. Segundo Bender e Laurito (1993, p.11), o termo “mudou de sentido em sua evolução, mas nunca perdeu os vínculos com o sentido etimológico que lhe é inerente e que está em sua formação”. Tal afirmação confirma que a temática da crônica contempla seu tempo e, sendo assim, cumpre seu objetivo. Assim, a crônica pode levar o leitor do mundo real para o mundo da fantasia, da imaginação

ou da emoção, permitindo-lhe uma aventura de reconstrução ou desconstrução sócio-educacional-cultural.

A crônica é um gênero textual de tipo narrativo que surgiu no início do século XIX na época da escola literária modernista a partir de publicações em folhetins, os quais tratavam de diversos assuntos presentes na vida diária social da época, mas tinha por principal finalidade distrair os leitores lhes proporcionando momentos de distração através da imaginação e reflexão sócio-crítica. Segundo Bender e Laurito (1993, p.12), “a palavra **crônica**, no entanto, ainda que, posteriormente, viesse a abranger outros sentidos, permaneceu na língua portuguesa com o sentido antigo de narrativa vinculada ao registro de acontecimentos históricos”. Desse modo, alguns autores que compõem a literatura moderna e contemporânea se consagraram com a produção desta tipologia narrativa a exemplo de, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Rubem Braga, Luís Fernando Veríssimo.

Das duas espécies de folhetins publicados na imprensa do século XIX, a que deu origem ao gênero crônica – tal como o concebemos modernamente – foi o folhetim de variedades. E o que era este...? Nos rodapés dos jornais, ao mesmo tempo que cabiam romances em capítulos, também cabia – ainda quando em outras folhas – aquela matéria variada dos fatos que registravam e comentavam a vida cotidiana da província, do país e até do mundo. (BENDER e LAURITO, 1993, p. 16).

Estes autores escreveram crônicas sobre determinados fatos sociais corriqueiros presentes no dia-a-dia da época, utilizavam uma linguagem simples, objetiva, clara, coerente e coesa, permitindo ao leitor competente e reflexivo identificar as informações que se encontram implícitas no texto. Portanto, notou-se que a crônica faz parte de diversos suportes textuais como, as mídias impressas, eletrônicas e televisivas, mas principalmente, nos livros didáticos escolares. Este gênero textual é considerado um texto curto, leve de fácil compreensão e por conta disto, sua utilização em sala de aula contribuirá de maneira prazerosa para despertar no educando o gosto pela leitura autônoma e que ele se torne um leitor crítico-reflexivo perante uma análise discursiva.

3. A contribuição da Linguística Textual para a formação de leitores

A Linguística Textual é um recente ramo da Linguística que se desenvolveu na década de 1960 na Europa, mas só apareceu no Brasil no final de 1970. Assim, a Linguística Textual ganhou destaque em 1980 a partir da apresentação de uma mesa redonda sobre a linguística do texto cujo tema foi “Coerência e Coesão na Teoria do Texto”, da qual fizeram parte os pesquisadores Marcuschi, Koch e Neis. A partir disso, houve uma nova maneira para se trabalhar com a produção de frases em textos. A Linguística do Texto é considerada uma Linguística moderna que inicialmente se preocupava em descrever os fenômenos sintático-semânticos, pois muitos estudiosos ainda estavam presos à Gramática Estrutural ou à Gramática Gerativa.

O objetivo da Linguística Textual é analisar não uma palavra ou frase, mas o texto, que é considerado uma unidade básica para o desenvolvimento da linguagem, visto que o indivíduo enquanto ser social se comunica através da língua. Segundo Marcuschi (1983, p.12-13), “a Linguística do Texto é vista como o estudo das operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos e orais”. Assim, a Linguística Textual é representada através do texto como uma atividade de linguagem sociointeracional desenvolvida pelo indivíduo de maneira individual e autônoma que deve utilizar os aspectos da coesão e da coerência para construção de conhecimentos linguísticos.

O processo da linguagem deve ser desenvolvido pelo indivíduo que está sempre em construção do seu conhecimento socioeducacional. Dessa maneira, identificou-se que o sujeito constrói seu discurso a partir de diálogos interacionais o qual desenvolve com outros indivíduos assim, o processo interação depende da formação social que o falante possui para agregar este ao conhecimento cultural que adquire no ambiente socioeducacional. De acordo com os PCN’s (1998), a linguagem é uma atividade sociocomunicativa que desempenha no leitor de textos diversas habilidades e competências, sendo que todas são realizadas através dos processos de coerência e coesão. Sendo assim, percebeu-se que a linguagem é desenvolvida em vários atos de comunicações sociais, ou seja, na produção de uma carta, numa conversa entre uma roda de amigos, uma aula ministrada, num simples pedido de informação e todos estes tipos de comunicações permitem ao leitor/ouvinte a construção de novos discursos textuais.

O texto é uma atividade de comunicação discursiva global produzida de forma oral ou escrita que desempenha no leitor o processo de compreensão de forma decodificar. Para Koch (2011), um texto pode ser entendido de diversas maneiras e este processo vai depender de como o autor abordará o assunto em sua temática. De acordo com ela, um texto nunca está totalmente acabado, pois ele sempre deixa alguma informação implícita permitindo ao leitor competente desenvolver seu entendimento sociocrítico após a realização da leitura. Assim, a construção do conhecimento do indivíduo pode ser realizada a partir de atividades reflexivas produzidas pela Linguística Textual.

Portanto, a contribuição da Linguística Textual para a formação de leitores se desempenha através da realização de atividades discursivas, as quais os falantes produzem em ambientes sociais que frequentam, ou seja, na escola, no trabalho, em grupo de amigos, no seio familiar. Desse modo, os estudiosos da linguagem acreditam que o estudo discursivo de texto como ferramenta educacional possibilitará de maneira positiva para ampliar o conhecimento sócio-crítico-reflexivo do falante.

4. Tipologia Textual e Gênero Textual: pressupostos teóricos

A língua é compreendida como uma ação social, histórica e cultural que permite ao indivíduo desenvolver o ato comunicativo através do discurso podendo assim ter acesso à informação e à construção de seu próprio conhecimento de mundo. Diante desta afirmação, encontramos suporte nos PCN's (BRASIL, 1998) quanto ao ensino da prática de leitura desenvolvido em sala de aula ou fora dela, orientando ao professor que seja realizada de forma oral e escrita partindo do uso de uma linguagem sociocomunicativa existente nos diversos gêneros textuais presentes na atualidade. De acordo com esta nova proposta de ensino, foram analisadas considerações de alguns teóricos no que se tange à tipologia textual e ao gênero textual.

Partindo da teoria de Bakhtin (2002), qualquer tipo de enunciado que seja isolado, claro e individual é considerado gênero do discurso. Para ele estes gêneros não são estáticos, ou seja, e estão sujeitos a mudanças sociais e verbais a partir de características próprias diferentes situações sociais que determinam um gênero textual que vão desde o diálogo cotidiano à tese científica. Assim, Bakhtin acredita que existem os gêneros primários e os secundários, sendo que o primeiro

faz parte das comunicações sociais presentes no cotidiano do indivíduo conversa entre amigo, namoro, a produção de uma carta, já o segundo está ligado à formalidade e a complexidade que há nas interações sociais muitas vezes expostas pela forma escrita (palestras, reunião, artigo científico).

Segundo Marcuschi (2002), os gêneros textuais são atividades socio-discursivas que servem para que haja o ato da comunicação e da interação no dia-a-dia dos falantes. No período atual, com o surgimento da cultura eletrônica através do crescimento da tecnologia no mundo existe uma diversidade de novos gêneros textuais ligados à comunicação realizada pelos leitores, como reportagens ao vivo, e-mails, bate-papos virtuais, aulas virtuais e demais. Para Marcuschi o gênero textual está presente em todas as atividades diárias que o indivíduo enquanto ser social desenvolve, mas cabe a ele escolher qual a tipologia que irá desempenhar, desse modo pode ser que o gênero se realize por dois ou mais tipos de textos, a exemplo da carta pessoal que é um gênero composto por tipologia narrativa, descritiva, dissertativa, argumentativa e expositiva.

Para Travaglia (2002) os textos são de diferentes tipos e desempenhados pelos falantes devido à existência de diferentes modos de interação. Sendo que, a utilização dos variados tipos de textos é fundamental para o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno. Para confirmar essa assertiva o autor cita as normas existentes nos PCN's para uma melhor fundamentação sobre a inserção do texto em sala de aula. Vejamos,

[..] participar de diferentes situações de comunicação oral, acolhendo as opiniões alheias e respeitando os diferentes modos de falar; produzir textos escritos coesos e coerentes, considerando o leitor e o objeto da mensagem começando a identificar o gênero e o suporte que melhor atendem à intenção comunicativa [...] (TRAVAGLIA, 2000, p.103-104).

Observou-se que Travaglia dá ao gênero uma função social, pois cada um, especificamente, possui como característica dá conhecimento sobre algo a alguém, seja esta realizada de maneira formal ou informal, ou seja, não se utiliza um gênero textual da mesma maneira em todas as ocasiões, visto que o modo como escrevemos um e-mail a um amigo não é o mesmo que usamos para dirigir-se ao chefe do trabalho.

No entendimento de Antunes (2002, p.69), “os gêneros são histórico-culturais”, pois surgem em determinados momentos e espaços da vida diária

vivenciada em comunidade durando o tempo que os grupos sociais compostos por falantes assim, permitirem. Para Koch (2002, p.53), “a competência sociocomunicativa dos falantes/ouvintes leva-os à detecção do que é adequado ou inadequado em cada uma das práticas sociais”. Desse modo, a competência linguística que o falante possui lhe permite fazer diferenciação de texto narrativo, descritivo, dissertativo e argumentativo. Este é ainda capaz de perceber qual gênero textual a tipologia está abordando, visto que essa habilidade só é possível a partir de contato constante com textos de tais tipos ou gêneros em sua vida cotidiana.

Tomando como base as considerações de Schneuwly (2004) é possível perceber que nos gêneros textuais é possível trabalhar de forma bastante clara todos os tipos de textos, sem necessariamente utilizar redações, temor de alguns alunos, nas produções de textos. O quadro 1 mostra de forma bem didática as considerações de Schneuwly acerca dos gêneros textuais e como a tipologia se faz presente neles:

QUADRO 1: Considerações de Schneuwly acerca dos gêneros textuais

Domínios sociais de comunicação	Aspectos tipológicos	Capacidade de linguagem dominante	Exemplo de gêneros orais e escritos
Cultura Literária Ficcional	Narrar	Mimeses de ação através da criação da intriga no domínio do verossímil	Conto maravilhoso, conto de fadas, fábula, lenda, narrativa de aventura, narrativa de ficção científica, narrativa de enigma, narrativa mítica, sketch ou história engraçada, biografia romanceada, romance, romance histórico, novela fantástica, conto, crônica literária, adivinha, piada.
Documentação e memorização das ações humanas	Relatar	Representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo	Relato de experiência vivida, relato de viagem, diário íntimo, testemunho, anedota ou caso, autobiografia, <i>curriculum vitae</i> , notícia, reportagem, crônica social, crônica esportiva, histórico, relato histórico, ensaio ou perfil biográfico, biografia.
Discussão de problemas sociais controversos	Argumentar	Sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição	Textos de opinião, diálogo argumentativo, carta de leitor, carta de solicitação, deliberação informal, debate regrado,

			assembleia, discurso de defesa (advocacia), discurso de acusação (advocacia), resenha crítica, artigos de opinião ou assinados, editorial, ensaio.
Transmissão e construção de saberes	Expor	Apresentação textual de diferentes formas dos saberes	Texto expositivo, exposição oral, seminário, conferência, comunicação oral, palestra, entrevista de especialista, verbete, artigo enciclopédico, texto explicativo, tomada de notas, resumo de textos expositivos e explicativos, resenha, relatório científico, relatório oral de experiência.
Instruções e prescrições	Descrever ações	Regulação mútua de comportamentos	Instruções de montagem, receita, regulamento, regras de jogo, instruções de uso, comandos diversos, textos prescritivos.

Disponível em <http://escolasantaterezinha.wordpress.com/page/3/>. Acesso em 02/out./2012.

Portanto, diante de tantos entendimentos teóricos percebeu-se que para cada gênero textual existe uma tipologia diversificada. E quando se usa a tipologia textual é para designar uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição sendo estes aspectos sintáticos, lexicais, tempos verbais e ligações lógicas. Já quando se usa o gênero textual é para se referir a textos materializados que se encontra na vida diária dos falantes apresentando características sociocomunicativas definidas pelos conteúdos, composição e estilo de linguagem. Assim, o gênero textual é uma ferramenta de fundamental importância para que os indivíduos possam praticar a oralidade e a escrita, e através desta prática se informar, conhecer novas culturas, construir ideias renovadas.

5. O uso da crônica na escola

Partindo do pressuposto de que o processo de fala e escrita são duas práticas sociais interacionais, percebe-se a partir desta que o desenvolvimento da prática de leitura e escrita em sala de aula deve ser algo prazeroso ao educando assim, ele mesmo sob orientação do educador deve escolher o tipo de leitura que

desejará desempenhar para adquirir habilidades, como interpretar, analisar, compreender, recriar, redigir, construir e reconstruir de forma coerente e coesa a linguagem textual no ambiente social em que convivem.

De acordo com Schneuwly e Dolz (2004) a introdução de um gênero no ambiente escolar possibilita uma diversidade de objetivos para o processo da aprendizagem. Um deles é dominar o gênero exposto no momento da dinâmica da aula para melhor conhecê-lo, compreendê-lo para assim, produzi-lo de maneira positiva na escola ou fora dela; outro objetivo é que utilizando o gênero o educando pode desenvolver o ato comunicacional e dominá-lo a partir de sua capacidade de entendimento individual.

Diante da realidade encontrada no ambiente educacional no que se refere à falta da prática de leitura e escrita, tem-se a necessidade de utilizar os gêneros discursivos para proporcionar ao educando um contato direto com os diversos tipos de gêneros existentes em seu cotidiano diário. Sendo assim, trabalhar as atividades de leitura e escrita em sala de aula focada por gêneros discursivos é uma forma de possibilitar ao aluno o aprimoramento de sua competência oral e escrita, pois ele estará partindo de situações comunicativas que estão próximas de sua realidade diária. No entanto, a crônica é um gênero textual que está ligado à vivência do dia-a-dia do aluno e também possui uma linguagem simples que aproxima este das práticas de leitura e escrita no universo escolar de forma leve, prazerosa e espontânea.

O uso deste gênero no ambiente escolar possibilitará ao educando um desenvolvimento sócio-reflexivo, seja este através da produção da leitura oral ou escrita. Dessa forma, no ambiente educacional o professor enquanto orientador pode de maneira positiva incentivar o aluno a se tornar um leitor autônomo e analítico referente ao que ele na condição de interlocutor fala ou escreve no texto. Segundo Geraldi (1997), existem diversas formas para se desenvolver uma leitura e com esta na maioria das vezes ficam várias informações implícitas no texto para serem identificadas pelo leitor/autor. Desse modo, a leitura do tipo fruição do texto pode ser a de maior importância, pois com esta o leitor pode realizar a leitura do gênero crônica de forma rápida, individual e espontânea.

Assim, com a utilização do gênero textual crônica em sala de aula incentivará no educando uma aprendizagem sociocultural maior, pois o ato de ler

por ler, ou seja, ler sem compromisso instiga neste o interesse em identificar e analisar as informações que se encontram explícitas no conteúdo do texto.

6. A crônica como ferramenta educacional para formação do leitor

Atualmente se discute muito sobre métodos ou formas de como despertar no aluno o interesse pela prática discursiva de leitura, já que se vive num mundo em constante processo de globalização, no qual as pessoas possuem diversos meios tecnológicos modernos de comunicação e adquire informação de forma fácil, ágil e prática. Sabemos que a prática de leitura na escola é algo que deve estar em construção constante, pois uma das metas do professor é conduzir o seu aluno a desempenhar uma leitura decodificada e prazerosa da qual ele enquanto leitor sinta necessidade em desenvolvê-la sempre sem imposições.

Dessa forma, é necessário que o professor se torne um orientador didático do ensino e leve para a sala de aula textos que desperte nos jovens leitores o interesse pelo ato de ler de maneira intensificada. Partindo desse foco percebemos que a crônica é um gênero textual extremamente interessante que proporciona no educando a reflexão, a descontração e o senso crítico sobre as diversas temáticas sociais e culturais que ocorrem no cotidiano diário que vivenciam. De maneira informal esse gênero como ferramenta educacional, possibilita ao aluno uma aprendizagem educacional satisfatória e descompromissada.

a crônica se presta muito bem ao uso de oficinas de leitura e produção de texto e, se o professor fizer uma boa seleção de crônicas, ela poderá despertar no aluno o tão desejado prazer do texto. (SILVEIRA, 2009, p. 238).

Segundo Antunes (2002) o desenvolvimento de leituras em sala de aula tendo como ferramenta escolar os diversos gêneros textuais criando no aluno o interesse pela análise, pela produção, pelas inferências textuais e pela compreensão, visto que o leitor em formação ainda possui a chance de aumentar seu nível de conhecimento cultural e linguístico.

De acordo com as recomendações dos PCN's (1998) entendeu-se que o educador pode trabalhar com a maior variedade possível de gêneros textuais na escola e em particular com aqueles que o educando encontrar exposto no seu dia-

a-dia como: anúncios, letreiros, embalagens, placas e demais. Nesse sentido, o professor enquanto facilitador do ensino deve propor atividades reflexivas para que os alunos possam ser mediadores do seu próprio conhecimento desenvolvido através do processo de leitura no ambiente educacional que está inserido.

Portanto, identificou-se que cada maneira de ler um texto proporciona um nível de entendimento diferenciado, pois este lido apartamento diversos gêneros seguramente será mais bem aproveitado em sala de aula pelo discente. Trabalhar, no entanto, uma metodologia visando à formação de leitores a partir do gênero crônica tende a contribuir para a melhor formação de aprendizagem. E através deste tipo de narrativa, o ato de ler pode ser despertado, levando o discente ao verdadeiro gosto pela prática de leitura.

7. Considerações Finais

Os gêneros textuais são criados e recriados pelos discentes por meio, das interações comunicativas que fazem parte do cotidiano diário e escolar que frequentam, assim as atividades de linguagem funcionam como um apoio para que o aluno compreenda como ocorre a construção interna do conhecimento sociocomunicativo. Os gêneros textuais são, portanto, os “modelos gerais” que orientam a organização dos textos orais e escritos por meio dos quais, os discentes se comunicam com indivíduos da sociedade da qual faz parte. Percebemos que os autores citados analisam, definem e exemplificam os gêneros textuais da mesma forma, sendo que cada um possui seu estilo particular para desenvolver tal entendimento a respeito deste. A partir desta conclusão, todo gênero textual, tem suas características centradas em linguagem específica, conteúdo temático, estilo, construção composicional e usos sociais próprios.

Assim, o professor enquanto facilitador do ensino deve propor aos seus alunos conhecerem e identificarem os diferentes gêneros presentes no cotidiano sociocultural e permitir que estes diferenciem um do outro empregando dessa maneira, cada gênero adequadamente. Esse conhecimento contribuirá positivamente, para que o aluno amplie o seu nível de conhecimento sociolinguístico, isto é, possuindo uma maior habilidade quanto à capacidade de ler, escrever, ouvir e falar.

Portanto, formar leitores através de textos é de fundamental importância para enriquecer e ampliar o universo cultural do educando. E utilizar o

gênero textual crônica, foi de fundamental para questionar o tema apresentado nela, bem como incentivar os alunos a poderem praticar a leitura e a escrita, observando suas características e suas funções sociais, é levar o aluno do mundo real para um universo totalmente fantástico e prazeroso. Dessa maneira, todo ato de comunicação sempre se realiza por meio de um texto, seja ele oral ou escrito, e todo texto se organiza como gênero textual. Como os atos de comunicação são variadíssimos, é fácil concluir que a quantidade de gêneros é intensamente grande, o que, evidentemente, torna impossível fazer uma lista completa destes. Desse modo, com o uso de gêneros textuais percebeu-se que é possível analisar, identificar, ironizar, instruir e até mesmo reescrever a partir de análises textuais.

Referências Bibliográficas

ARRIGUCCI JR., David. Fragmentos sobre a crônica. In: **Enigma e Comentário: Ensaio sobre Literatura e Experiência**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BENDER Flora e LAURITO Ilka. **Crônica: história, teoria e prática**. São Paulo: Scipione, 1993.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didática para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Orgs.) **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Org. Roxane Rojo; Glais Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KOCH, Ingedore V. **Desvendando os segredos do texto**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. 8.ed. São Paulo: Contexto, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

NEVES, Margarida de Souza. História da crônica. Crônica da história. In: REZENDE, Beatriz (org) **Cronistas do Rio**. Rio de Janeiro: José Olimpo, 1995.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Brasília: MEC, 2001.

SABINO, Fernando Sabino. A última crônica. In: **A Companheira de Viagem**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1965.

SCHNEUWLY, B. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas, In. / tradução e organização ROJO, R.; CORDEIRO, G. S., **Gêneros orais e escritos na escola**, Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

SILVEIRA, Maria Inez Matoso. **Ateliê de crônicas & portfólio**. Leitura (UFAL), v. 42 p.237-249, 2009.

Recebido: 30/11/2012

Aceito: 05/05/2013

